

## Extinção da *Raphia australis* Preocupa o CIF

O Centro de Investigação Florestal (CIF) do Instituto de Investigação Agrária de Moçambique (IIAM), sensibilizado pela eminente extinção da *Raphia australis* colheu alguns indivíduos a 11 de Junho de 2009 no seu local de ocorrência no distrito de Marracuene, província de Maputo, para consubstanciar os estudos que visam conserva-la em seu habitat natural ou *ex-situ* a espécie.

A Reserva Botânica do Bobole, com uma área de cerca de 200 ha, foi criada especificamente para a proteção da *Raphia australis* e do seu ecossistema pela portaria Pt.5918 em 24 de Fevereiro de 1945. A *Raphia australis* é uma espécie endémica de Moçambique e de ocorrência natural em Bobole. A *Raphia australis* ocorre em zonas baixas com um teor de humidade extremamente elevado e alto teor de matéria orgânica (solos muito escuros), com preferência nas margens do rio Bobole e na margem do rio Incomáti, particularmente na zona de Machubo.

O abate da *Raphia australis*, embora seja ilegal, é prática comum e concorre para o desaparecimento de um ecossistema de capital importância nacional e não só, pois trata-se de uma espécie que se encontra na sua forma selvagem apenas no distrito de Marracuene, particularmente em Bobole. Neste momento tem a sua existência em perigo, na medida em que, por se encontrar numa zona com um grande potencial agrícola (solos com alto teor orgânico - turfa), leva as comunidades circunvizinhas a derrubá-la para em seu lugar dar espaço a machambas.

Esta espécie tem um ciclo vital digno de registo. A *Raphia australis* autoperpetua-se de forma natural ou por outra, ela tem uma regeneração natural.

Ela atinge sua maturidade com cerca de 40 anos e, só a partir desse momento é que inicia com a floração, seguindo-se mais tarde a frutificação. Um aspecto interessante, ao contrário de outras palmeiras como o coqueiro, a *Raphia australis* uma vez inicie a floração atinge o ponto máximo do seu crescimento e acaba por morrer após a queda dos frutos. Isto faz com que as novas plântulas sejam de grande importância, por serem a única forma de garantir a perpetuação desta espécie. Os pequenos frutos caem e, em contacto com o solo húmido e altamente fértil, brotam dando novos indivíduos, garantindo a sobrevivência da espécie, mesmo depois da morte natural das plantas-mãe.

Entretanto, com a descoberta do potencial agrário do terreno povoado pela *Raphia australis* pela comunidade, a espécie torna-se apenas um obstáculo à prática da actividade agrícola no terreno em que esta espécie se encontra, pois estas comunidades continuamente destroem as plantas adultas e, principalmente as palmeiras jovens, pela sua destruição física ou através de fogueiras feitas com a desculpa de se estar a queimar capim.

Deste modo, deve ser urgentemente desencorajada as práticas que afectam a sobrevivência da *Raphia australis* e a forma como esta é tratada pelos que habitam nos arredores e desenvolvem alguma actividade agrícola.

O CIF colheu alguns indivíduos desta espécie em seu *habitat* natural na Reserva de Bobole para a sua multiplicação em viveiro, de modo a iniciar estudos de propagação e monitoria do seu crescimento, e propôr medidas que garantam a sua sobrevivência. Refira-se que esta iniciativa foi antecedida por uma outra, que analisou a germinação da espécie, tendo-se verificado que a semente da *Raphia australis* poderá levar até 6 meses para germinar.

A população local, que até atribuiu à *Raphia australis* o nome de *mhala*, recorrem às folhas da espécie para construir suas casas de banho ou para usar como tecto de suas residências. Ainda, segundo populações locais, houve tempos em que as folhas da *Raphia australis* serviram de matéria prima para construir os caixões que usavam para enterrar seus entes queridos.

O Ministério do Turismo (que actualmente responde pelas reservas nacionais) desenvolve em paralelo com os Serviços Distritais de Actividades Económicas (SDAE) desenvolvem acções que visam minimizar o risco do desaparecimento desta espécie, com relativamente pouco sucesso. Entre as várias alternativas, inclui-se a realocação das pessoas que se encontram a praticar a actividade agrícola no local e pela criação de um mecanismo de convivência entre os camponeses e a espécie sem que tal perigues a sobrevivência da *Rafia australis*. Contudo, esta última opção, que tem vindo a ser utilizada nos últimos anos, tem-se mostrado bastante ineficiente.

Por seu turno, o IIAM, especificamente, o CIF, tem como tarefa, estudar métodos de propagação da espécie, de modo a definir o mecanismo de preservação no seu *habitat* natural, e, a possibilidade de multiplicar e estabelecer a *Raphia australis* noutras zonas, neste caso após uma análise sobre a sua adaptabilidade.

---

## **Autores**

### **Sostino Mocumbi**

Comunicação e Marketing  
DFDIT/IIAM

### **Tereza Alves**

Sector de Florestas  
DARN/IIAM

### **Camola Sousa**

Sector de Florestas  
DARN/IIAM

### **Marcos Freire**

MCA  
DARN/IIAM